

“Fui perdendo o medo de fazer Redação”

Arthur Cerqueira Santos fez o Extensivo, e inicialmente pretendia seguir Economia. Ele descobriu a Engenharia no cursinho ao ver que conseguia superar suas dificuldades nas matérias de Exatas. Hoje, cursa Engenharia na Escola Politécnica da USP.

Arthur Cerqueira Santos
Em 2018: Etapa
Em 2019: Engenharia de Produção/USP

JV Você entrou no Etapa já decidido a fazer Engenharia?

Arthur No dia da matrícula no cursinho eu estava convicto de que ia prestar Economia. Esse era um desejo antigo. Só que parte disso era porque eu tinha bastante dificuldade em Matemática, Física, Química. Com três meses de aula, eu descobri: “Meu, eu sou de Exatas”. E me apaixonei por Engenharia. Foi assim que mudei de carreira.

Além da Fuvest, você prestou outros vestibulares?

Prestei Enem. Demonstrei interesse no Instituto Federal de São Paulo, por Engenharia de Produção, e na própria USP, só que em Administração.

Você estava em dúvida?

Eu estava certo com Engenharia, a dúvida era se a minha nota no Enem daria para a Poli. Meu sonho era estudar na USP, então tinha

que escolher uma 2ª opção. Quando saiu a lista da Fuvest com minha aprovação para a Poli, eu cancelei a inscrição no Sisu. Estava em 1º lugar na classificação do Instituto Federal de São Paulo.

Como veio estudar aqui?

Eu conheci o Etapa quando estava no 5º ano. Fiz a prova de bolsa, mas acabou não dando para estudar no Fundamental. Depois do Ensino Médio, acabei realizando o sonho de estudar no Etapa. Eu tinha uma amiga que havia feito o cursinho e recomendou.

Você mora em Caieiras. Qual era sua rotina depois que entrou no cursinho?

Eu acordava às 4 da manhã, saía de casa umas 20 para 5, 5 horas, pegava o trem da linha 7 e depois o metrô. Chegava no Etapa mais ou menos às 6 e 15, bem antes da aula.

ENTREVISTA ◀

Arthur Cerqueira Santos
■ pág. 1

CONTO ◀

A última receita –
Machado de Assis
■ pág. 3

ARTIGO ◀

Polição de Manaus aumenta em
até 400% a formação de aerossóis
pela floresta amazônica
■ pág. 6

SOBRE AS PALAVRAS ◀

Arco-da-velha
■ pág. 8

(ENTRE PARÊNTESES) ◀

Quem é o pai?
■ pág. 8

SERVIÇO DE VESTIBULAR ◀

Inscrições
■ pág. 8



Como era o seu método de estudo?

Eu começava no trem a leitura das obras indicadas pela Fuvest. O bom de pegar o trem nesse horário é que ele está vazio. Chegando no Etapa, fazia alguns exercícios e tirava dúvida com meus amigos. Eu ficava aqui à tarde porque achava legal o clima da Sala de Estudos, com outras pessoas. Acabei fazendo muitos amigos nessas tardes de estudo. E usar o Plantão de Dúvidas também era muito bom.

Você ficava na Sala de Estudos até que horas?

Da 1 hora até 4 e meia, 5 horas. Chegava em casa às 6 e meia e se não estivesse muito cansado ainda estudava um pouco.

Você estudava a matéria do dia?

Eu estava ciente das minhas dificuldades e no começo focava em Matemática, Física e Química. Se sobrava algum tempo, estudava outras matérias. Depois, fui entendendo que é melhor separar o tempo certo para cada uma, estabelecer metas. Fui adaptando meu método de estudos assim.

E como fazia com as matérias de Humanas?

Eu estudava principalmente Português e Redação. Fora isso, tinha que estudar bastante Geografia e História. Mas, principalmente depois que a Fuvest divulgou que o 2º dia da 2ª fase estava extinto, eu não fazia os exercícios escritos.

Em quais matérias você tinha uma base mais forte?

História e Geografia.

Você estudava no fim de semana?

Na sexta-feira, eu ficava aqui até de noite para estudar. Às vezes saía às 8 e meia, 9 horas. No sábado, eu me permitia acordar um pouco mais tarde, 8, 9 horas. Chegava no Etapa umas 11, só abria um livro para ler um pouco, combinar com os amigos onde a gente ia almoçar e depois fazia o simulado. Após o simulado, ia encontrar meus pais na minha casa, comer fora, assistir a um filme. Era basicamente isso.

E no domingo?

Domingo, se estivesse muito cansado, eu tirava o dia de folga. Mas no primeiro semestre eu estudava à tarde todos os domingos. Não muita coisa, umas duas, três horas só. Principalmente para rever a matéria da semana.

Como você ia nos simulados?

Eu ficava na faixa C menos, C mais. Não consegui nenhuma faixa A, o máximo foi um B no simulado Enem de Humanas.

Como era seu estudo de Redação?

Redação era um problema para mim. Eu fazia as redações dos simulados e uma vez a cada 15 dias uma daquelas do *Fique Esperto*, do *Jornal do Vestibulando*. Mas às vezes não dava. No segundo semestre, sabendo que precisava ir bem em Redação no Enem e na Fuvest, comecei a fazer toda semana. E levava ao plantão. No começo foi um pouco frustrante porque tinha vários erros, mas a gente só vai aprender sabendo o que está errando. Isso ajudou demais, tive uma evolução até o final do ano. Eu me senti bem mais tranquilo nas provas.

Nos simulados você sentiu também sua evolução na Redação?

Com certeza. No primeiro simulado do Enem eu tive tanta dificuldade que não fiz a Redação. Tentava escrever alguma coisa, mas não saía. Fui ao plantão e falei que não tinha conseguido fazer a Redação. “Alguma dica, como faço?” Fui aprendendo ao longo do ano que eu não podia desistir do tema, devia colocar no papel as ideias principais, organizar os parágrafos. Fui perdendo o medo de fazer Redação.

Teve alguma época mais pesada para você no ano passado?

Foram dois os momentos críticos: o começo e o final. No começo do ano, principalmente no Impulso Inicial, eu estava boiando

em Geometria. Sentava para estudar, os amigos que tinha feito começavam a resolver exercícios e eu travava em um. No final do ano, eu já estava fazendo todos os exercícios com meus amigos, que até brincavam comigo: “Nós ajudávamos você e agora é você que está nos ajudando”. Também foi difícil antes da 2ª fase. Estava muito cansado, e às vezes achava que não ia dar certo. Acabei encontrando um jeito de manter a saúde mental, descansando um pouco e saindo com meus amigos. Tentei levar uma vida mais tranquila no final do ano.

Você tinha alguma atividade para dar uma relaxada?

Tinha um relacionamento bem legal com meus amigos. Se um ou outro estava cansado, a gente fazia uma pausa, ia tomar um café, conversava um pouco. Na hora do almoço, a gente ficava trocando ideias, dando risada. Um momento de relaxamento que eu tinha era quando assistia a um filme no fim de semana. Era legal ver filme depois do simulado e dormir até tarde no domingo.

O que você fez nas férias de julho?

Estava rolando a Copa do Mundo. Assisti a muitos jogos, dormi até tarde, descansei. Claro, peguei algumas coisas para estudar. Minha família também me apoiou nisso de dar uma relaxada, foi bem bacana. Consegui visitar os meus avós, rever meus tios. Foi bem legal.

Quando decidiu que ia prestar Poli, você estava confiante?

Confesso que não tinha muita noção de que a Poli era tão complicada de entrar. Eu tinha alguns amigos que já estavam lá. Eu falava: “É difícil”. Eles falavam: “Você consegue, relaxa”. Em alguns simulados da Fuvest eu não tinha ido muito bem, ficava preocupado: “Preciso de mais pontos para ir para a 2ª fase”. Os professores incentivavam, falavam: “Calma, a nota do simulado não é necessariamente o que você vai conseguir no dia do vestibular”. Eu tratei de manter a tranquilidade e o que estava no meu alcance eu fiz.

Quantos pontos você fez no Enem?

Minha média sem a Redação foi 727. Eu me surpreendi com a nota de Matemática, consegui 800.

Quanto fez na Redação?

Fiz 735 pontos.

Na 1ª fase da Fuvest, qual foi a pontuação?

Tive 57 acertos. A nota de corte da minha carreira – para aluno de escola pública – foi 38.

Da 1ª para a 2ª fase, o que mudou no seu método de estudos?

Eu já estava fazendo bastante Redação entre o Enem e a 1ª fase da Fuvest; continuei a fazer, mas precisava melhorar também em Matemática, uma prova muito complicada na 2ª fase. Peguei provas antigas, fiz a Fuvest 2018, 2017 e 2016.

Na 2ª fase, qual foi o seu desempenho?

No primeiro dia, tirei 70 em Português. A nota na Redação também foi 70. O tema foi “A importância do passado para a compreensão do presente”. No segundo dia, tirei 55. Matemática foi realmente bem complicada, com questões muito complexas. Acho que Física e Química me salvaram. Mandei muito bem em Química.

Você tinha prestado Fuvest direto do 3º ano?

No 3º ano, prestei para Economia e não cheguei nem perto de ir para a 2ª fase. Fiz 37 pontos e precisava de 50 pontos para passar para a 2ª fase. A 1ª fase acabou sendo um desafio muito grande.

Como foi este ano no dia da lista de aprovados da Fuvest?

No dia anterior, eu falei para os meus pais: “Vou acordar cedo, coloco a camisa do Etapa, abro a lista aqui com vocês. Se tiver meu

nome lá, vou para o Etapa". Realmente foi isso que aconteceu. Apareceu lá meu nome e meu CPF. Comecei a gritar: "Passei, passei". Minha mãe estava na calçada, ela ficou muito emocionada, meus pais choraram. Aí vim para a festa dos aprovados.

Qual o "segredo" para entrar na Poli?

Precisa chegar na prova acreditando que é possível sim e dar o seu melhor. Eu experimentei bastante fazer isso no Etapa, levava os simulados como se fossem uma prova de verdade.

Como foi a recepção aos calouros?

Foi legal porque logo que saiu a lista dos aprovados os veteranos começaram a nos adicionar no Facebook e 15 dias depois marcaram uma recepção no Centro Acadêmico. Eles mostraram o prédio da Engenharia de Produção – deu para sentir a atmosfera – e falaram das oportunidades que a gente teria lá. Eu falei: "Nossa, tudo isso mesmo?". Na Semana de Recepção, cada grupo de extensão foi se apresentar aos bichos.

Você está participando de alguma extensão?

Eu decidi focar mais nos meus estudos para organizar melhor a minha agenda e no segundo semestre participar de um grupo. Eu tenho desejo de participar do Núcleo de Empreendedorismo da USP, que tem um laboratório, porque eles pegam boas ideias e tentam desenvolvê-las. De lá, surgem *startups*. Essa parte de empreendedorismo eu acho sensacional. Em relação à Poli, eu estou fascinado porque as boas ideias têm chance de se materializar. É incrível, você encontra lá pessoas capacitadas para te ajudar e levar para frente.

Que matérias você tem neste primeiro semestre?

Eu tenho sete matérias: Física I, Cálculo I, Álgebra Linear I, Computação, Introdução à Engenharia, Representação Gráfica para Projeto e a matéria de Engenharia de Produção que é Economia.

De qual você está gostando mais?

Introdução à Engenharia e Economia. Introdução à Engenharia porque envolve trabalhos em equipe, não tem provas. Acho interessante porque já nos colocam em contato com resoluções de problemas, basicamente o que o engenheiro faz. Os professores falam que o engenheiro nunca pode estar satisfeito, sempre tem que estar procurando alguma coisa para melhorar.

O que você pode dizer a quem está aqui se preparando para os vestibulares do fim do ano?

Cada um tem um tempo para encontrar o método certo de estudos. Não é no simulado 1 ou no simulado 2 que você já vai falar que encontrou o seu método de estudos e que vai assim até o final. Sempre esteja aberto a mudanças, para se adaptar e se moldar de acordo com suas fraquezas, tentando saná-las. Todo mundo tem um limite para estudar e é muito importante manter a saúde mental. Não se cobre acima do que o seu limite permite. Ao longo do ano, você vai percebendo como evoluiu.

Como fica marcado para você o ano passado?

Foi um dos anos mais legais da minha vida. Fiz muitos amigos, essa foi uma parte muito legal do Etapa. São várias pessoas que estão fazendo Engenharia e outras áreas também. Eu aprendi que é difícil encontrar uma coisa impossível. E que nossos esforços valem a pena. Foi muito importante trabalhar meu lado pessoal.

Você acha que está diferente de quando veio para o cursinho?

É clichê a frase, mas o cursinho amadurece as pessoas. Foi uma transformação enorme. Eu não sabia que poderia ser tão disciplinado. E acreditar tanto nos meus sonhos.

O que mais você quer dizer para nossos alunos atuais?

Acredite em si mesmo. Com certeza tem uma lista com seu nome lá no final.

A última receita

Machado de Assis

A viúva Lemos adoeceu; uns dizem que dos nervos, outros que de saudades do marido. Fosse o que fosse, a verdade é que adoeceu, em certa noite de setembro, ao regressar de um baile. Morava então no Andaraí, em companhia de uma tia surda e devota. A doença não parecia coisa de cuidado; todavia era necessário fazer alguma coisa. Que coisa seria? Na opinião da tia um cozimento de alteia e um rosário a não sei que santo do céu eram remédios infalíveis. D. Paula (a viúva) não contestava a eficácia dos remédios da tia, mas opinava por um médico.

Chamou-se um médico.

Havia justamente na vizinhança um médico, formado de pouco, e recente morador na localidade. Era o Dr. Avelar, sujeito de boa presença, assaz elegante e médico feliz. Veio o Dr. Avelar na manhã seguinte, pouco depois das oito horas. Examinou a doente e reconheceu que a moléstia não passava de uma constipação grave. Teve entretanto a prudência de não dizer o que era, como aquele médico da anedota do bicho no ouvido, anedota que o povo conta, e que eu contaria também, se me sobrasse papel.

O Dr. Avelar limitou-se a torcer o nariz quando examinou a enferma, e a receitar dois ou três remédios, dos quais só um era útil; o resto figurava no fundo do quadro.

D. Paula tomou os remédios como quem não queria deixar a vida. Havia razão. Apenas dois anos fora casada, e contava apenas vinte e quatro anos. Havia já treze meses que lhe morrera o marido. Apenas entrara no pátio do matrimônio.

A esta circunstância é justo acrescentar mais duas; era bonita e tinha alguma coisa de seu. Três razões para agarrar-se à vida como o náufrago a uma tábua de salvação.

Uma única razão haveria para que ela aborrecesse o mundo: era se tivesse realmente saudades do marido. Mas não tinha. O casamento fora um arranjo de família e dele próprio; Paula aceitou o arranjo sem murmurar. Honrou o casamento, mas não deu ao marido nem estima nem amor. Viúva dois anos depois, e ainda moça, é claro que a vida para ela começava apenas. A ideia de morrer seria para ela não só a maior de todas as calamidades, mas também a mais desastrosa de todas as tolices.

Não quis morrer nem caso era de morte.